

# A RELAÇÃO ENTRE A ALQUIMIA E A MAGIA

**Virginia Maria Almeida de Freitas**

Doutoranda HCTE/UFRJ

vmafreitas@oi.com.br

**Nelson Lage da Costa**

Mestre em Ensino de Ciências

Professor UCB

nelsonlage@ig.com.br

## INTRODUÇÃO

Muitos estudiosos já se debruçaram sobre os conteúdos de documentos que, de certa forma, faziam referência à alquimia; outro tanto, dedicou parte de suas vidas para justificar a relação espiritual entre o alquímico e o mágico. A conexão entre ambos os corpos de estudos, no entanto, ainda é considerada um campo muito pouco explorado.

A alquimia pode ser o remanescente de uma ciência muito antiga que pertencera a uma civilização desaparecida. Poderes sobre a matéria e a energia, são extrínsecos à realidade primeira: o legítimo objetivo dos procedimentos alquímicos é a transmutação do próprio alquimista, sua elevação espiritual; a transformação de sua alma. Jung achava que a alquimia poderia se constituir em “uma das chaves da compreensão das estranhas operações da mente” (OSTRANDER e SCHROEDER, 1970, p. 331).

Desde longa data a magia é matéria de reflexão. As magias dos antigos filósofos, teólogos e alquimistas, puramente práticas, pertencem à história da própria magia. Tem-se como certo que uma parte das ciências foi ordenada pelos mágicos, principalmente nas sociedades primitivas. Os mágicos alquimistas, astrólogos e médicos foram na Grécia, Índia e em outros lugares os criadores e artífices da astronomia, da física, da história natural e da química (MAUSS, 2003).

O alquimista, bastante ortodoxo, procurava manter distância da magia, pois se apoiava, segundo Patai (1994), em seu conhecimento dos procedimentos e trabalhava diligentemente rezando para Deus. Outros, não tanto ortodoxos, combinavam a alquimia com a magia, chegando a se aproximar de cultos religiosos cristãos ou pagãos. Baseada na combinação “alquimia – magia”, esta pesquisa procura mostrar a relação entre alguns aspectos da alquimia praticada por alquimistas que combinavam o trabalho alquímico com procedimentos mágicos.

## CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-FILOSÓFICAS

“Um crisol para a prata, um forno para o ouro,  
É o Senhor, porém, quem prova os corações” (Provérbios 17:3).

A paisagem muito já se modificou desde os tempos em que, supostamente, as bruxas saíam a viajar em suas vassouras após terem completado a tarefa de preparar seus venenos e / ou remédios num grande tacho de metal. Vassoura e tacho, símbolos gêmeos de uma lendária época de adivinhações. O saber de então trabalhava em segredo e a humanidade dançava a mente entre o conhecimento e a ignorância; instrumentos de magia eram penas e sapos. À parte as feiticeiras, a compreensão do universo e do homem - o saber - tinha que ficar muito melhor do que isto. O quarto milênio antes da era cristã, prévio ao patriarca judeu Abraão surgir da cidade suméria de Ur, constituiu-se num espaço de tempo de importante adiantamento cultural; este período nos trouxe o uso da escrita, da roda e dos metais. O ritmo do progresso ora mais acelerado ora mais lento criou os sábios de gabinete.

Muitos estudiosos já se debruçaram sobre os conteúdos de documentos que, de certa forma, faziam referência à alquimia; outro tanto, dedicou parte de suas vidas para justificar a relação espiritual entre o alquímico e o mágico. A conexão entre ambos os corpos de estudos, no entanto, ainda é considerada um campo muito pouco explorada.

Cornford (1912) descreve o sistema de Empédocles (495 a 435 a. C.) onde se encontram os dois princípios reais, opostos, de solidariedade e repulsão como dois “elementos” acima e abaixo das quatro formas fundamentais de matéria. Para o clássico sábio e poeta inglês do século XX, há dois sobreviventes de destaque na cosmologia filosófica grega: o reconhecimento de quatro elementos e o agrupamento de qualidades em pares de contrários. Francis Cornford continua a descrição com as devidas considerações sobre a baixa solidariedade presente nos grandes agrupamentos humanos e a coerência interna de grupos menores resultantes do grupo maior, inicial, mas não unidos aos grupos vizinhos. Relata, a seguir, em resumo, as quatro fundamentais formas reconhecidas de matéria – terra, ar, água e fogo; para o filósofo de Agrigento, tais elementos eram formas últimas de matéria em situações que se alternavam - em um polo, juntas - mistura complexa - em outro, totalmente separadas em quatro massas homogêneas. O estudioso inglês interpreta tal sistema por analogia com os processos e fatores da organização tribal; coloca o Amor que, como uma massa única, indiscriminada, chamada “esfera, corresponde à solidariedade de toda a tribo” (CORNFORD, 1912, p. 63). Grupos menores com consistência e solidariedade interna são

formados a partir da ação da força de contenda ou disputa (Ódio) que atua na desintegração da população primária, a massa única primordial; separação semelhante se dá com os elementos da natureza: água com água, fogo com fogo, etc.

O agrupamento de qualidades em pares de contrários fazem com que calor e frio, úmido e seco sejam respectivamente associados com fogo e ar, água e terra. Posto desta forma os elementos não estão separados, mas unidos aos pares. Entre os componentes de cada par há disputa, contenda que pode não ser puramente destrutiva. Na realidade Francis Macdonald Cornford registra na obra em análise que o antagonismo entre os pares gera todo o mundo visível; cita que "além da guerra há também a paz" (CORNFORD, 1912, p. 64). Continuando, o autor afirma que tais concepções passam através de velhas especulações físicas; éticas; morais e sociais. Termina afirmando que "um exame da cosmogonia pré-científica mostrará que esta concepção extremamente geral e abstrata pode ser traçada retrospectivamente a uma muito primitiva origem social" (CORNFORD, 1912, p. 65).

Segundo Boyer (2002) atribui-se a Demócrito de Abdera, por erro, antigos tratados de alquimia. Filósofo da química, mas também grande matemático nasceu naquela cidade na Trácia, norte da Grécia em 460 e faleceu em 370 a. C., aproximadamente. Também viajou muito "mais do que qualquer outro em seu tempo – para Atenas, Egito, Mesopotâmia e talvez Índia" (BOYER, 2002, p. 54). Ficou célebre por sua - e de Leucipo de Mileto (~ 500 a. C.) - doutrina materialista atômica, número infinito de átomos, de elementos. Até então havia relação óbvia, para Pitágoras e depois para Platão, entre a moral, a religião e a matemática – esta subentendida como a geometria, a aritmética, a música e a astronomia. A partir de Leucipo e Demócrito – mestre e discípulo, respectivamente -, números e figuras foram substituídos por partículas de matéria sólida e impenetrável separando-se dos pensamentos religiosos e morais.

No judaísmo, com sua riqueza simbólica, afirma-se que cada letra hebraica tem correspondência em um número; a combinação destes números leva a intermináveis descobertas. A Torá insiste na justiça como rudimento da sociedade. Para o Rabino-Chefe da Grã-Bretanha e Comunidade Britânica Dr. Jonathan Sacks, o Livro Sagrado dos judeus é uma luta ininterrupta sobre o tema das relações humanas. Mas para o Rabino, há algo que vem antes da justiça e da própria sociedade "os filamentos diáfanos da benevolência que une essência e essência em vínculos de AMOR [a ênfase é dos autores]" (SACKS, 2007, p. 74).

Maria, a judia ou a Profetisa foi famosa por ser alquimista. Grega, viveu no Egito, possivelmente, ao tempo de Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.) para quem o mundo era formado pela

terra, ar, fogo e água. Tais pensamentos combinam com os alquímicos de Maria que deixou descritos o “banho” que hoje leva seu nome e outros instrumentos de uso na manipulação de elementos químicos.

## **O PERFIL MÁGICO E ARTÍSTICO DA ALQUIMIA**

A alquimia, mistura de ciência, arte e magia, pode ser o remanescente de um conhecimento muito antigo que pertencera a uma civilização desaparecida. Frutificou entre muitos cientistas, cada qual à sua época até estes estudos atingirem a Química como Ciência no século XVII. Poderes sobre a matéria e a energia, são extrínsecos à realidade primeira: o legítimo objetivo dos procedimentos alquímicos é a transmutação do próprio alquimista, sua elevação espiritual; a transformação de sua alma, “para que a prova a que é submetida a vossa fé – (mais preciosa que o ouro perecível, o qual, entretanto, não deixamos de provar ao fogo) – redunde para o vosso louvor, para vossa honra e para a vossa glória quando Jesus Cristo se manifestar” (I Pedro 1:7). Já Jung achava que a alquimia poderia se constituir em “uma das chaves da compreensão das estranhas operações da mente” (OSTRANDER e SCHROEDER, 1970, p. 331).

Desde longa data a magia é matéria de reflexão. A magia dos antigos filósofos, teólogos e alquimistas, puramente práticas, pertencem a história da própria magia. Tem-se como certo que uma parte das ciências foi ordenada pelos mágicos, principalmente nas sociedades primitivas. Os mágicos alquimistas, astrólogos e médicos foram na Grécia, Índia e em outros lugares os criadores e artífices da astronomia, da física, da história natural e da química (MAUSS, 2003). Na China segundo Ronan (2001), a química primitiva ou alquimia contribuiu fortemente para o que viria a ser a química como disciplina científica. Os taoístas em seu trabalho prático diferenciavam dos confucionistas que se colocavam numa postura de superioridade no que dizia respeito às práticas artesanais. Estavam os primeiros em sintonia com seus pares de todas as civilizações que investigavam substâncias naturais e transformavam metais ordinários em ouro.

O alquimista, bastante ortodoxo, procurava manter distância da magia, pois se apoiava, segundo Patai (1994), em seu conhecimento dos procedimentos e trabalhava diligentemente rezando para Deus. Outros, não tanto ortodoxos, combinavam a alquimia com a magia, chegando a se aproximar de cultos religiosos cristãos ou pagãos. Baseada na combinação “alquimia – magia”, esta pesquisa procura mostrar a relação entre alguns aspectos da alquimia praticada por alquimistas judeus que combinavam o trabalho alquímico com procedimentos mágicos.

Mesmo não sendo possível citar nenhuma prova corroborativa à existência de uma combinação mental entre a magia prática da alquimia, que não sejam os registros admiráveis do pensador judeu medieval, Moisés de León (Século XIII), é notadamente registrado que o mágico acredita que sua magia possui um lugar legítimo no âmbito da sua religião. O alquimista, religioso e mágico, acredita que ao recitar fórmulas mágicas e secretas pode forçar ou persuadir as potências ou seres sobrenaturais a cumprir todos os seus desejos materiais ou imateriais.

## CONCLUSÃO

Quanto à relação entre a alquimia e a magia, as fontes que chegaram aos dias atuais, indicam (mesmo que por especulação) que sua tendência era dar precedência à magia e, eventualmente à religião. Os alquimistas, de modo geral, deram importantes contribuições em um campo que se ousa denominar “místico” por um momento e “religioso” em outro. Essas contribuições foram mais acentuadas por influência da guemátria cabalística durante o Renascimento que deu à alquimia uma maior orientação mística e religiosa.

No entanto, a alquimia nunca teve sob a sua égide uma precisão terminológica como ponto forte, nem na Antiguidade e menos ainda na Idade Média ou no Renascimento. E, em todos os tratados alquímicos, nota-se uma atitude característica do cientista experimental, religioso ou não, mágico ou não. Mas em todos os períodos da história da humanidade, e durante muitos séculos, estes cientistas, religiosos ou mágicos foram os grandes personagens que inspiraram o surgimento, a realização e a história da “Grande Arte” que foi a Alquimia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. 82. ed. rev. Tradução pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1992. 1632 p. Versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) dos originais em hebraico, aramaico e grego.

BOYER, Carl B. *História da Matemática*. 2ª Ed., 4ª Reimpressão, São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2002. 496 p.

CORNFORD, Francis Macdonald. *From Religion to Philosophy* – a study in the origins of western speculation. New York: Longmans, Green and Co., 1912. 276 p.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536 p.

OSTRANDER, Sheila; SCHROEDER, Lynn. *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1970. 458 p.

PATAI, Raphael. *Os Alquimistas Judeus: um livro de história e fontes*. São Paulo: Perspectiva, 1994. 868 p.

SACKS, Jonathan. *Para Curar um Mundo Fraturado – A ética da Responsabilidade*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2007. 354 p.

RONAN, Colin A. *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge. Volume II: Oriente Roma e Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.